

Presidenciáveis brasileiras na imprensa: cobertura eleitoral de 2014 e desdobramentos

Paula Évelyn Silveira Barbosa¹

Liliane Maria Macedo Machado²

Resumo

Neste artigo, analisamos a cobertura da eleição presidencial de 2014, destacando as candidaturas de Dilma Rousseff e Marina Silva. Para isso, consideramos os critérios de noticiabilidade adotados, possíveis referências à naturalização dos papéis de gêneros, bem como o teor político das matérias. 91 textos foram analisados e classificados de acordo com a temática política (*hard, middle e soft politics*). Verificamos que o jornal fez uma cobertura relativamente equilibrada no que se refere à associação temática feita às candidatas, mas subverteu critérios de noticiabilidade habituais na cobertura política, além de incluir alusões despropositais às candidatas, como referências à sua aparência física, as quais naturalizam as relações de gênero. Agora, passado o processo de impeachment de Rousseff, avaliamos que as falhas de cobertura no período eleitoral foram um prenúncio das representações estereotipadas que seriam apresentadas pela imprensa posteriormente.

Palavras-chave: Estudos em Jornalismo. Estudos Feministas. Folha de S. Paulo. Marina Silva. Dilma Rousseff.

¹ Jornalista, formada pela Universidade de Brasília (2017). Discente do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (2018-2020), onde pesquisa a história da Imprensa Lésbica no Brasil. Membro dos grupos de pesquisa de Justiça de Transição e de Jornalismo e Memória na Comunicação, ambos vinculados à UnB. Também faz parte do grupo de pesquisa de Jornalismo e Gênero, vinculado à UEPG. Email: paulaevelyn.b@gmail.com.

² Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1987), mestrado em História pela Universidade de Brasília (1999) e doutorado em História pela Universidade de Brasília (2006). Desde agosto de 2011 é professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Na função de pesquisadora, desenvolve estudos concernentes aos seguintes temas: comunicação e cidadania, comunicação e legislação, jornalismo e sociedade, cinema e estudos feministas e de gênero. Email: prof.liliane@globocom.com.

Abstract

In this article, we analyze the coverage of the 2014 presidential election, highlighting the candidatures of Dilma Rousseff and Marina Silva. In order to do so, we consider the adopted news criteria, possible references to the naturalization of gender roles, as well as the political content of the stories. 91 texts were analyzed and classified according to the political theme (hard, middle and soft politics). We verified that the newspaper had a relatively balanced coverage regarding the thematic association made to the candidates, but it subverted usual newsworthiness criteria in the political coverage, besides including unprofessional allusions to the candidates, as references to their physical appearance, which naturalize gender relations. Now, after Rousseff's impeachment process, we have assessed that coverage failures during the election period were a harbinger of stereotyped representations that would be presented in the press later.

Keywords: Journalism Studies. Feminist Studies. Folha de S. Paulo. Marina Silva. Dilma Rousseff.

Introdução

Este estudo analisa a cobertura jornalística, feita pelo jornal **Folha de S. Paulo**, sobre as candidaturas das duas presidenciáveis de maior ascendência na eleição de 2014, Dilma Rousseff, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e Marina Silva, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Silva recebeu 22.176.619 votos (21,32%) e ficou em terceiro lugar no primeiro turno. Rousseff, por sua vez, obteve 43.267.668 votos (41,59%), no primeiro turno, e 54.501.118 votos (51,64%), no segundo, quando venceu o pleito para a presidência da república, para o segundo mandato consecutivo.

A escolha desse jornal se deu, entre outras razões, pela sua tiragem. Trata-se do jornal de maior circulação no país com média diária de 292.331 edições - impressa e digital³. Fundado em 1960, o veículo é parte do Grupo Folha, que compreende a agência de notícias **Folhapress**, o instituto de pesquisas de opinião **Data Folha**, a maior empresa brasileira de conteúdo e serviços de internet, a **Universo Online (UOL)** e outros jornais de circulação regional.

Analisamos a produção jornalística para as eleições presidenciais de 2014, sob o viés dos Estudos Feministas e de Gênero. Nessa perspectiva, levantamos as seguintes questões: As notícias produzidas obedecem aos critérios de noticiabilidade? A linguagem

³ Dado disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>> Acesso em 27 de abril de 2018.

usada nos textos associa as mulheres às noções patriarcais, tais como a valorização da aparência física e da maternidade? Os temas relacionados a elas enquadram-se na discussão política habitual empreendida pelos veículos de comunicação jornalísticos?

Selecionamos 91 textos publicados pela **Folha** (diminutivo pelo qual o jornal é tratado corriqueiramente) na editoria de “Poder” e no caderno especial de “Eleições”, entre 6 de julho e 24 de outubro de 2014 - período de campanha política definido pelo Tribunal Superior Eleitoral. A análise foi feita a partir do acervo da biblioteca do Senado Federal do Brasil. Ressalte-se que o material coletado foi analisado com base nos Estudos Feministas e de Gênero, nas Teorias da Representação Política e nos valores de construção da notícia.

Quando trabalhávamos a primeira versão desta pesquisa⁴, em abril de 2016, Dilma Rousseff ainda presidia o país. Em agosto do mesmo ano, ela foi definitivamente afastada do cargo, processo que consideramos, assim como vários juristas, como um Golpe de Estado⁵, ao invés de um *impeachment*, o que nos motivou a atualizar a pesquisa.

O artigo busca fomentar a discussão sobre a representação das mulheres nos veículos noticiosos, tendo em vista o impacto que jornais como a **Folha** podem ter no debate sobre equidade de gênero nos âmbitos do jornalismo, da política e das relações sociais. Traquina observa: “O jornalismo e os jornalistas têm poder, consoante a sua posição na hierarquia profissional. Quer seja quer não, o jornalismo é um ‘Quarto poder’ que, sobretudo devido ao acesso habitual às fontes oficiais, sustenta o poder instituído e o ‘*status quo*’” (TRAQUINA, 2005, p. 206).

O jornalismo não é um reflexo da realidade como querem alguns teóricos que trabalham com a perspectiva da neutralidade da imprensa. Como observam Pereira et al:

A prática jornalística não pode ser usada como uma entidade transcendente, que independe da realidade na qual está imersa. O jornalismo emerge em condições sociais, históricas e tecnológicas

⁴ Esta é a segunda versão da pesquisa que avaliou a cobertura jornalística, feita pela Folha de S. Paulo, sobre as presidenciáveis Dilma Rousseff e Marina Silva, nas eleições brasileiras de 2014. A primeira versão deste estudo foi apresentada no congresso da Associação Lationamericana de Investigadores da Comunica (Alaic), em outubro de 2016.

⁵ Reportagem da Revista Fórum sobre a falta de embasamento jurídico para o afastamento de Dilma Rousseff. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/semanal/impeachment-sem-embasamento-e-um-atentado-constituicao-e-democracia-dizem-juristas/>> Acesso em 02 de maio de 2018.

específicas, que explicam (...) a maneira como ele é apreendido – objetivado e interiorizado – pelos atores sociais. (PEREIRA et al., 2012, p. 9).

A abordagem da cobertura jornalística das eleições, considerando os Estudos Feministas e de gênero, ajuda-nos a compreender a desigualdade da composição de gêneros das casas representativas do Brasil. Em 2014, por exemplo, foram eleitas 51 deputadas federais das 513 vagas disponíveis. Já no Senado, que só foi renovado em um terço no último pleito, foram eleitas cinco senadoras para as 27 vagas disponíveis. Outras seis senadoras cumprem mandato até 2019. Com isso, são apenas 11 mulheres de um total de 81 senadores, ou 13,6% da Casa⁶.

Diante desse contexto, urge a necessidade de uma análise que examine a conexão entre o fazer jornalístico e a participação feminina na política brasileira. Como observa Foucault, autor da noção de microfísica dos poderes, “nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 1998, p. 98).

Representação política

Na Ciência Política, especialmente no que se refere às questões de gênero, estuda-se a efetividade da ação feminina e feminista nas instâncias representativas. Assim, correntes dedicadas à representação política instituíram três categorias de análise, as quais os participantes da vida política são, usualmente, associados. As categorias são: *hard*, *middle* e *soft politics*.

A classificação considera a proximidade a temas relacionados diretamente ao núcleo do processo político (*hard politics*) ou a áreas voltadas para o social (*soft politics*); as questões que reúnem elementos de ambos os pólos são classificadas como *middle politics*. Assim, classificam-se como *hard politics*, por exemplo, temas como relações internacionais e economia. Como *middle politics* são classificados temas como trabalho e comunicação. Na classificação de *soft politics* estão direitos humanos, cultura e saúde (MIGUEL e FEITOSA, 2009).

⁶ Dados publicados pela Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/10/16/eleicoes-2014-representacao-feminina-diminui-nas-assembleias-legislativas>> Acesso em 27 de abril de 2014.

Ressalte-se que, historicamente, as mulheres são associadas a temas soft por terem, ainda, uma participação política desvalorizada. Daí a importância da categorização desses temas – proporcionar uma análise crítica da realidade a partir das relações que as mulheres estabelecem ou são levadas a estabelecer com a carreira política.

Dos 91 textos analisados, Rousseff apareceu em 60 e Silva em 49. A disparidade deve-se ao fato de que, no início da campanha eleitoral, Silva era candidata à vice-presidência, tendo menos destaque na mídia. Ela passou a concorrer pela presidência, após a morte do líder da chapa, Eduardo Campos, em agosto de 2014. Além disso, Silva não competiu em segundo turno, ao contrário da rival.

Nesta etapa do estudo resultaram os seguintes dados: Nos 60 textos em que Rousseff aparece, a presidenciável foi 28 vezes ligada a temas *hard politics*, 28 vezes a assuntos *middle politics* e também 28 vezes a temas soft politics. Nos 49 textos em que Silva foi citada, a candidata foi relacionada a temas *hard politics* 26 vezes, a *middle politics*, 22 vezes e a temas soft politics, 15 vezes. Ressalte-se que muitos textos tratavam ao mesmo tempo de assuntos que se enquadram em categorias distintas. Por exemplo, saúde (*soft politics*) e economia (*hard politics*).

Tabela 1. Categoria de temas relacionados às presidenciais

Candidata	Hard Politics	Middle Politics	Soft Politics
Dilma Rousseff	28	28	28
Marina Silva	26	22	15
Total	54	50	43

Fonte: Elaboração própria

Representação no discurso jornalístico

A análise também considerou a linguagem usada para se referir às candidatas. Essa frente de avaliação justifica-se porque a língua é um instrumento poderoso que pode indicar o viés de interpretação da realidade – a partir de uma leitura que considera a equidade de gênero ou daquela que reproduz valores patriarcais, ou seja, baseada na supressão do feminino por meio de expressões que desqualificam as mulheres. Dada a relevância do jornalista, urge a necessidade de uma linguagem jornalística que observe, além da correção gramatical, a correção social. “A linguagem se encaixa nos sistemas de opressão, mas de maneira sutil, a ponto de não ser tomada a sério, como se fosse branda

em relação às agressões físicas. Mas a linguagem é física; falar ou escrever representa um ato concreto de responsabilidade e escolha” (DÉPÊCHE, 2008, p. 212).

Como observa Dépêche, a forma como nos expressamos revela construções sociais que incorporamos. Por isso, o discurso deve ser feito de forma responsável para evitar a perpetuação de elementos que contribuam para a consolidação das desigualdades. Afinal, a linguagem que silencia uma parte da sociedade reforça a estigmatização do grupo excluído.

Para a análise das formações discursivas presentes nos textos foram consideradas as menções inoportunas à aparência e ao comportamento das candidatas. Por inoportunas, aqui, entende-se não apenas termos ofensivos, mas também aqueles que mesmo positivos, não se justificam em uma cobertura jornalística de caráter político.

Como exemplo do que foi considerado nesta fase do estudo, destaca-se uma publicação da **Folha**, no dia 28 de setembro de 2014. Sobre a candidata Silva, o jornal publica “Marina encontrou uma linha importada de produtos de beleza que supre suas necessidades de pele sensível. Apenas o batom não foi compatível devido às suas alergias. Ela mesma inventou uma essência de beterraba que utiliza nos lábios”⁷. Silva, que à época liderava as pesquisas de opinião, deveria ter outros atributos a serem ressaltados que não sua habilidade cosmética. A associação das mulheres à beleza, aos cuidados com o corpo e à afirmação de que elas precisam estar atentas à aparência é ressaltada por Forsyth.

O imperativo da beleza faz parte do sistema capitalista em sua marcha implacável para se apoderar de todos os recursos do globo. Sua entrada no corpo e na intimidade das meninas e das mulheres assegura que as estruturas heterossexuais do patriarcado conservem sua força (Forsyth, 2003, p. 3).

A análise revelou que, em 60 publicações, Rousseff teve 32 menções ao seu comportamento. Silva, por sua vez, nos 49 textos em que aparece, teve seu comportamento abordado 25 vezes e a sua aparência física quatro vezes.

Tabela 2. Referência a características físicas e comportamentais

⁷ Reportagem disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1523738-marina-candidata-por-acidente-e-diferente-da-que-concorreu-em-2010.shtml>> Acesso em 27 de abril de 2018. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p.86-97. Jan/Jul 2018.

Candidata	Comportamento	Aparência
Dilma Rousseff	32	0
Marina Silva	25	4
Total	57	4

Fonte: Elaboração própria

Critérios de noticiabilidade

Nesta etapa, foi considerado se os textos obedecem aos critérios de noticiabilidade. A definição dos critérios adotados como parâmetro neste estudo são aqueles definidos por Jorge. A autora chama de valores fundamentais da notícia: atualidade, proximidade e notoriedade. Também se considerou o que Jorge definiu como valor-notícia temático de poder, que leva em conta questões como disputa, governo e administração de países (JORGE, 2008).

Para ilustrar as ocorrências consideradas aqui, destacamos a matéria “Os inquilinos da presidente”⁸, publicada em 3 de agosto de 2014. No texto, são descritos imóveis que pertencem à Rousseff. Além disso, o texto mostra que alguns dos inquilinos da candidata declararam voto ao opositor dela, Aécio Neves, candidato pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Fica sob desconfiança, portanto, o lugar do critério de noticiabilidade em publicações como essa. Isso porque a matéria não aborda, objetivamente, nenhum aspecto que envolva a corrida presidencial. Essa questão fica mais evidente no trecho: “Inge [inquilina] diz que pagam entre R\$ 3.000 e R\$ 3.500 de aluguel, mas estão ‘indignados’. (...) ‘Vamos tentar negociar com a imobiliária. Se for isso, não podemos ficar’”.

Dentre os 91 textos selecionados, foram identificados 97 temas de interesse. Desse total, nem todos enquadram-se nos valores de noticiabilidade padrão. A análise mostrou que nos 60 textos em que Rousseff aparece, foram identificados 54 referências a critérios de noticiabilidade que encontram-se dentro da definição comum. Já no caso de Marina Silva, a referência à candidata é feita em 49 reportagens. Desse total, 43 temas que pautam a notícia estão dentro do padrão formal do jornalismo.

Tabela 3. Critérios de noticiabilidade

⁸ Reportagem disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/178915-os-inquilinos-da-presidente.shtml>> Acesso em 27 de abril de 2018.

Candidata	Temas relacionados a critérios de noticiabilidade padrão	Temas relacionados a critérios de noticiabilidade desviantes
Dilma Rousseff	54	4
Marina Silva	43	6
Total	97	10

Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Os dados permitem concluir que a **Folha** manteve uma cobertura equilibrada no que se refere aos temas relacionados às candidatas, já que o total de associações feitas a assuntos *hard politics* foi o mais expressivo entre as categorias analisadas. Entretanto, não podemos afirmar ser essa uma tendência do jornal. Para isso, seria necessário um estudo comparativo que envolvesse os presidenciáveis homens, o que não é possível demonstrar neste artigo, tendo em vista o formato limitado do mesmo.

Ainda assim, podemos inferir que dentre o material analisado, a **Folha** administrou bem as temáticas associadas às presidenciáveis, rompendo o paradigma observado por teóricos da Ciência Política, anteriormente, quando as mulheres foram mais relacionadas a temas *soft*. É o que Miguel e Biroli notaram, por exemplo, ao analisar discursos proferidos na Câmara Federal. Em uma pesquisa que verificou o teor das falas e o prestígio dos parlamentares, os autores concluíram que “o cruzamento entre sexo e posição no campo reforça a hipótese de que a vinculação das mulheres aos temas *soft* contribui para mantê-las em situação de menor prestígio”. (MIGUEL e BIROLI, 2011, p. 117-118).

Observe-se, entretanto, que em relação aos temas abordados, não se pode afirmar que o jornalismo praticado pela **Folha** seja de desnaturalização dos papéis de gênero. Trata-se de conduta grave, dada a relevância da **Folha**. A naturalidade com a qual essas abordagens acontecem desenvolvem uma política de esquecimento, que apagam o plural e o múltiplo do humano (NAVARRO-SWAIN, 2007). Ressalte-se que a linguagem é um instrumento de transformação (DÉPÊCHE, 2008) e a maneira como ela se apresenta, sobretudo nos grandes meios de comunicação, contribui para subverter condutas equivocadas ou para a manutenção do *status quo*. Mais do que o lugar de jornal mais lido do país, a **Folha** ocupa o espaço de formadora de opinião, cuja função social deveria ser respeitada.

Sobre os critérios de noticiabilidade, as publicações estão, em maioria, dentro dos parâmetros. Mas, cabe ressaltar que os textos que fogem aos critérios têm desvios importantes. A referida matéria sobre propriedades imobiliárias da então candidata Rousseff e o texto centrado na dieta da ex-presidenciável Silva⁹ comprovam isso. Nesse último texto, por exemplo, a **Folha** mostra que a candidata “não bebe leite nem iogurte. Não come queijo, manteiga, doce de leite ou qualquer outro laticínio.”

Em textos como esse, a análise evidenciou o distanciamento dos jornalistas em relação aos chamados valores-notícia. Nenhuma categoria seja a de atualidade, proximidade, notoriedade e, até mesmo, de disputa podem ser evocadas para caracterizá-los.

Passado o período eleitoral, novas pesquisas foram feitas sobre a cobertura de importantes fatos políticos. O que observamos é que o tratamento dado pela imprensa às presidenciais Marina Silva e Dilma Rousseff era um prenúncio do que estaria por vir nas reportagens sobre o processo de *impeachment*. Pesquisas recentes demonstram os graves desvios da imprensa durante a cobertura deste fato (RIZZOTTO et al., 2017; SANTOS GUAZINA, 2017), além de evidenciar a naturalização dos papéis de gênero que pautou a cobertura (TAVARES et al., 2016; CARDOSO e SOUZA, 2016).

A imagem da ex-presidenta Dilma foi apresentada de maneira negativa por diversas vezes em importantes veículos noticiosos da mídia brasileira. Para revelar essa imagem, os veículos jornalísticos se pautaram em valores patriarcais, disseminando de forma massiva aquilo que não deveria fazer parte do discurso jornalístico. Cardoso e Souza (2016), por exemplo, estudaram a abordagem feita pela revista semanal **Isto É**, em abril de 2016, quando o veículo publicou a seguinte manchete: “Uma presidente fora de si”¹⁰. E segue o subtítulo: “Bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que a iminência do afastamento fez com que Dilma perdesse o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país”. A publicação da reportagem foi vista por Cardoso e Souza como desvinculada da realidade e sem profundidade de apuração, demonstrando a

⁹ Reportagem disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/09/1517718-alergica-marina-tem-dieta-bastante-restrita-devido-a-doencas-do-seringal.shtml>> Acesso em 27 de abril de 2018.

¹⁰Reportagem disponível em: <https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/> Acesso em 29 de abril de 2018.

falta de responsabilidade social da equipe jornalística para com o seu público. “Um conjunto de homens, velhos, acusados de corrupção, voltaram ao governo, e não há sinal de que eles vão ser enquadrados como loucos nas revistas semanais, visto que já aparecem como construtores de uma ‘ponte para o futuro’” (CARDOSO e SOUZA, 2016).

Também foram observados desvios do ponto de vista da produção da notícia. Em uma análise de enquadramento multimodal (que inclui a imagem, a narrativa e o *frame* da notícia), Rizzotto et al (2017). concluíram que a cobertura jornalística sobre o processo de *impeachment* foi despolitizada, esvaziada de sentido pelos grandes jornais. Ou seja, o processo foi tratado como fato ordinário. No estudo, os pesquisadores avaliaram 187 notícias de **O Globo** e 131 da **Folha de S. Paulo**. O caráter da cobertura foi avaliado pelos pesquisadores da seguinte maneira: “uma cobertura ‘normal’ de tal acontecimento político-midiático pode ser, em si, uma estratégia para tornar legítimo e normal esse processo” (RIZZOTTO et al., 2017, p. 128).

Essas observações apontam a necessidade de aproximar as práticas jornalísticas daquilo que é preconizado pelos códigos de ética da profissão. Também é urgente a inclusão de uma perspectiva de gênero na formação profissional dos jornalistas para que eles parem de disseminar valores patriarcais e misóginos, tendo em vista o grande alcance de seu trabalho.

Referências

CARDOSO, Yamin Ribeiro Gatto; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. Dilma, uma “presidente fora de si”: o impeachment como um processo patriarcal, sexista e midiático. **Pauta Geral: estudos em jornalismo**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 45-65, 2016.

DÉPÊCHE, Marie-France. Relações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. In STEVENS, Cristina Maria Teixeira; NAVARRO-SWAIN, Tânia. (Orgs). **A construção dos corpos: perspectivas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2008, p. 207-218.

FORSYTH, Louise H. Pelo resgate do corpo das mulheres e das meninas, até hoje sob o olhar dos outros na cultura popular das sociedades patriarcais. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, n. 3. Disponível em: <www.unb.br/ih/his/gefem>

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JORGE, Thaís Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia**. São Paulo: Unesp, 2011.

MIGUEL, Luis Felipe; FEITOSA, Fernanda. O gênero do discurso parlamentar: mulheres e homens na tribuna da câmara dos deputados. **Dados: revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 201-221, 2009.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In STEVENS, Maria Cristina Teixeira (Org.). **Maternidade e Feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Mulheres, 2007, p. 203-247.

PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

RIZZOTTO, Carla; PRUDENCIO, Kelly; SAMPAIO, Rafael. Tudo normal: a despolitização no enquadramento multimodal da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 111-130, 2017.

SANTOS, Ebida Rosa dos; GUAZINA, Liziane Soares. O uso das fontes nas notícias sobre o processo de impeachment: uma análise da cobertura realizada pelos jornais Folha de S. Paulo e A Tarde (BA). **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p.612-635, 2017.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; BERGER, Christa; VAZ, Paulo Bernardo. Um golpe anunciado: Lula, Dilma e o discurso pró-impeachment na revista Veja. **Pauta Geral: estudos em jornalismo**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 20-44, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são?** Florianópolis: Insular, 2001.

Recebido em: 05/05/2018
Publicado em: 13/06/2018